



**LUISA NATENDE YUCULU**

**PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA MULHER NA FORMAÇÃO SOCIAL  
DE ANGOLA (2002-2017)**

**ACARAPE, 2023**

**LUISA NATENDE YUCULU**

**PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA MULHER NA FORMAÇÃO SOCIAL DE  
ANGOLA (2002-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho

**ACARAPE-CE,2023**

**LUISA NATENDE YUCULU**

**PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA MULHER NA FORMAÇÃO SOCIAL DE  
ANGOLA (2002-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em de janeiro de 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador e presidente: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

---

Examinador Externo: Prof.

---

Examinador Interno

## **LISTA DE SIGLAS**

**AAMPA-** Associação de Apoio à Mulher Polícia de Angola

**AMA-** Associação das Mulheres Angolanas

**ASSOMEL-** Associação de Mulheres Empresárias de Luanda

**CCMG-** Conselho de Coordenação Multisectorial do Género

**FMEA-** Federação de Mulheres Empresárias de Angola

**FNLA-** Frente Nacional para Libertação de Angola

**INE-** Instituto Nacional de Estatística

**LIMA-** Liga Independente de Mulheres Angolanas

**MINFAMU-** Ministério da Família e Promoção da Mulher

**MPLA-** Movimento Popular para Libertação de Angola

**OMA-** Organização da Mulher angola

**RDC-** República Democrática do Congo

**SEPMD-** Secretaria de Estado para a Promoção e Desenvolvimento da mulher

**UNITA-** União Nacional para Independência Total de Angola

## SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO.....	6
2- JUSTIFICATIVA... ..	7
3- DELIMITAÇÃO .....	8
4- OBJETIVOS.....	9
4.1- Objetivo geral... ..	9
4.2- Objetivos específicos... ..	10
5- HIPÓTESES.....	10
6- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
6.1- SER MULHER A PARTIR DA PERSPECTIVA AFRICANA... ..	11
6.2- A PARTICIPAÇÃO DA MULHER ANGOLANA NA LUTA DE LIBERTAÇÃO ..	15
6.2.1- Mulheres em diferentes organizações feminina em Angola.....	19
6.3- PAPEL DAS MULHERES NA DEMOCRACIA: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E ELEIÇÕES .....	21
7- METODOLOGIA... ..	24
8- REFERÊNCIAS... ..	26

## 1 - APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é um projeto de pesquisa que abordaremos sobre o papel da mulher angolana na formação social de Angola, desde a sua contribuição até os desafios que ela enfrenta enquanto mulher dentro de uma sociedade que tem resquícios do processo de colonização, em que a mulher era (é) vista como subordinada e cuidadora de lar. Desta feita, reunimos ideias e discussões de autores que poderão levar-nos a compreender melhor aquilo que pretendemos discorrer ao longo da nossa pesquisa. Quanto à situação geográfica do país, segundo Zau (2002, p. 32) vai dizer que, “Angola situa-se na África Austral e ocupa uma área de 1.246.700 Km<sup>2</sup>. [...] É limitada a norte, pela República do Congo e República Democrática do Congo; a leste, pela República da Zâmbia; a sul, pela República da Namíbia e a oeste, pelo Oceano Atlântico”. De acordo com o INE (2013) Angola está composta por 18 províncias e segundo a pesquisa do ano de 2009 à 2015, Luanda a capital do país teve cerca de 5 531 546 (cinco milhões e quinhentos e trinta e um mil e quinhentos e quarenta e seis) habitantes, sendo a maior província em termos demográficos.

Para entendermos as desigualdades de gênero em Angola pretendemos primeiramente apresentar autores que vão dialogando nessa temática, que de modo circunstancial apresentaremos um tópico específico que poderá tratar sobre a questão de gênero, do ponto de vista africano e autores que trabalham com o mesmo assunto, e posteriormente dar seguimento com outros tópicos que achamos pertinentes para o desenvolvimento e construção da nossa pesquisa.

O continente africano de um modo geral teve uma história distorcida e alterada dentro da sua complexidade, assim como aponta Oliveira (2008) que apesar de África ser conhecido como o berço da civilização mundial devido o seu processo histórico que interliga diretamente a invasão dos europeus em implementar seus modos e formas de viver ou ver as coisas, por meio de opressão, imposição, ou obrigação à quem era dono da terra e transformá-los em objetos para serem vendidos e usados de acordo suas vontades e necessidades. E assim, os valores culturais e morais que outrora vigoravam nas sociedades africanas foram sendo alterados através da influência de uma realidade nunca antes vista.

Portanto, ao falarmos da mulher no processo de construção social e não só, de Angola, requer analisarmos como se deu o fator histórico não apenas do país mas do continente em si, para então posteriormente repensarmos o papel que a mulher ocupa num período pós-

independência, e a partir daí discutiremos como são efetivadas caso haja políticas públicas que buscam dar visibilidade a essa questão importante

## 2 - JUSTIFICATIVA

Antes da independência a mulher angolana se fez presente nas lutas para manter a paz e a estabilidade que o país procurava, porém, esta participação sempre foi invisibilizada ou até mesmo colocada de lado. Essa invisibilidade segundo Parede (2010, p.22), consiste como “um meio poderoso de inferiorização e discriminação das mulheres” e o olhar limitado como cuidadora de lar e dos serviços domésticos, e com isso desencadeou numa percepção discriminatória quando se trata do lugar da mulher no processo de desenvolvimento do país Angola.

O interesse em pesquisar sobre o tema, deu-se primeiramente por eu ser uma mulher angolana especificamente do centro do país (Bié), que se mudou para capital ainda criança, porém, no decorrer do meu crescimento fui me deparando com determinadas situações que levaram-me a questionar qual realmente é o papel da mulher, sem deixar de observar o escassez do gênero feminino em determinados espaços e sem contar das possíveis “regras” que ditavam o comportamento da mulher sobre, o que ela poderia/deveria ou não fazer dentro da sociedade. Lembro-me de ouvir meus familiares dizendo que a mulher não devia fazer isso e aquilo, e sem esquecer o que ouvia em alguns eventos específicos que são dados quando a mulher está preste a casar, nestes eventos ouve-se depoimentos da/s tia/s da noiva ou de mulheres que já têm experiências matrimonial com discursos sobre o comportamento de uma esposa. Eu ficava indignada com a responsabilidade que era incumbida a mulher dentro do lar. Uma das inquietações consistia em comparar sobre o quê se falava ao homem e a mulher nesses períodos antes do casamento? Será que a ele também é falado o que devia ou não fazer dentro do lar? E como a mulher era colocada nessas conversas (entre homens, caso existisse)?... essas e outras perguntas remoíam a minha mente. Porém, mesmo com as “regras” apresentada a mulher na preparação de esposa, recordo que se pregava independência financeira, no sentido de fazer alguns negócios como forma de ajudar o esposo nas tarefas domésticas.

No entanto, no que tange a formação da mulher periférica enquanto dona de casa, eram essas formas de ensinamentos que a mulher estava sujeita a ouvir e por sua

vez as praticar, e quanto a questão da construção da mulher participando e ocupando posições na política e econômica do país era assunto que pouco se falava, sem contar que em casa não se podia falar ou debater sobre política e para a mulher era então um assunto que não era comum tratar. Para esse efeito, este projeto de pesquisa é importante a medida em que tem como objeto principal compreender e por sua vez apontar as dificuldades da mulher angolana numa perspectiva enquanto um sujeito ativo no processo histórico escravista e posteriormente de libertação nacional.

Desse modo, o presente trabalho contribuirá como mais um arcabouço no meio de outras produções que buscam compreender e discutir o papel da mulher enquanto um ser social, que apesar de outros teóricos abordarem sobre a temática relativamente à questão de gênero, ainda constitui-se num assunto que carece de discussão e com extrema necessidade a fim de reconhecer a capacidade que a mulher tem de desempenhar categorias importantes na esfera econômica, política, social, e entre outras, partindo da experiência quanto ao contexto histórico e das perspectivas e desafios que outrora estavam sobre limitações para contribuição da construção e desenvolvimento do país, assim como salienta Batsíkama (2016) que é preocupante a ausência da mulher nos escritos e narrações de histórias angolanas sendo que ela participa das dinâmicas transformadoras do país e até do continente africano.

### **3 - DELIMITAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA**

O nosso trabalho se propõe a buscar pesquisar como se dá a relação de gênero nos espaços com maior destaque na capital do país, e diante disso, o nosso trabalho delimita-se no período de 2002 o ano que foi declarado a paz após a morte do maior líder do partido da oposição (UNITA) até as penúltimas eleições gerais realizadas em 2017 com a presença de um novo presidente nacional e do partido (MPLA) no poder desde a proclamação da independência, com intuito de procurarmos entender e ao mesmo tempo pensar sobre a participação da mulher na construção da nação angolana.

Desta feita, procuramos trazer aqui questões pertinentes que nos indagaram e que pretendemos responder na nossa pesquisa, como, o que esteve(está) na base da ausência massiva e significativa de mulheres participando e contribuindo no desenvolvimento do país Angola? Será a grande razão motivada pela desigualdade de gênero? ou ainda pensarmos, que políticas públicas são criadas com finalidade de dar voz às mulheres angolanas? Para as organizações voltadas à emancipação da mulher, que mecanismos e estratégias são

implementadas para a integralização das mulheres?

São essas e outras demais questões que possivelmente suscitam a nossa indignação e curiosidade, que carecem de respostas, a fim de compreendermos que posição a mulher está dentro da sociedade angolana.

Por tanto, para Domingos (2018), a diferença de gênero entre mulheres e homens é a principal razão para se perceber a ausência da mulher na ocupação de determinados espaços e as oportunidades e privilégios que a ambos diferem, ou seja, o homem foi sempre o mais privilegiado quando se tratasse de ocupar determinados espaços dentro da sociedade, sem esquecer que o patriarcado seria a explicação exata para compreendermos essa desigualdade existente.

Assim, problematizar o gênero torna-se necessário para a compreensão da condição e posição das mulheres nas sociedades – a vários níveis e sectores –, bem como para um estudo profundo e detalhado sobre as relações de poder entre mulheres e homens. A naturalização e reprodução das desigualdades entre mulheres e homens têm sido reforçadas por sistemas sociais que têm como ponto de partida a ideia de gênero – como, por exemplo, o patriarcado. Tais sistemas contribuem para submeter as mulheres num ciclo de dominação permanente (DOMINGOS, 2018, p.162).

Entretanto, tal como nos referimos anteriormente, a questão de gênero é um assunto que compreendemos como temática a ser discutido em outras perspectivas, na qual em nosso trabalho pretendemos abordar também na perspectiva africana atendendo o nosso recorte temático, sem necessariamente nos desprendermos do que outros/as autores/as entendem sobre as desigualdades de gênero entendido como (homens e mulheres) partindo de conceitos ocidentais.

## **4 - OBJETIVOS**

### **4.1 - Objetivo geral**

Compreender quais as perspectivas e desafios da mulher angolana na formação social de Angola no período de 2002 à 2017.

### **4.2 - Objetivos específicos**

- Analisar que estratégias utilizadas no processo de enquadramento da mulher para participar da formação social angolana.
- Comparar em termos de quantidade, a inserção da mulher no desenvolvimento de Angola desde 2002 à 2017.
- Entender as dificuldades que as mulheres enfrentam enquanto minorias nas esferas econômicas, políticas e não só.

## **5 - HIPÓTESES**

**H<sup>1</sup>** O machismo seria o empecilho da inserção da mulher quanto a execução das capacidades que possui, e a falta dessa oportunidade deixa a mulher limitada.

**H<sup>2</sup>** A desigualdade de gênero e os conceitos de estereótipos criados sobre a mulher tem causado o afastamento delas e por sua vez colá-la numa posição subalterna.

**H<sup>3</sup>** As organizações femininas precisam criar estratégias e ações afirmativas que tenham a mulher como foco principal dos programas e que atue de forma integralizadora a fim de pautar pela exclusividade da maioria.

## **6 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Durante o processo de colonização, segundo Batsíkama (2016) a mulher africana teve a sua participação na luta para a independência dos países que se encontravam sobre o processo de colonização, logo, é correto afirmar que a mulher angolana em específica também esteve presente para auxiliar, lutar, e prestar serviços militar, na alimentação e na saúde no conflito armado. Anos depois da colonização precisamente no dia 11 de Novembro de 1975 Angola se tornou independente, expulsando os portugueses e assim viver a tão sonhada paz e independência, porém, com os conflitos internos entre os três partidos políticos nomeadamente Movimento Popular para Libertação de Angola (MPLA), União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) e Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA) que disputavam a liderança do país, tendo como vencedor o MPLA nas eleições realizadas em Setembro de 1992, fez com que o maior partido da oposição (UNITA) ficasse

descontente com o resultado e ter outro conflito, porém interno, denominada de guerra civil que culminou com a morte do líder da UNITA e logo depois foi proclamado a “paz” isto é, no dia 04 de Abril de 2002. A luta armada em Angola causou inúmeros danos sejam eles psicológicos, sociais, morais, físicos, econômicos, nos homens, nas crianças assim como nas mulheres que muitas delas foram forçadas pela situação do país no período de guerra a se realocar para outras localidades onde pudesse encontrar paz. No decorrer desse processo todas as mulheres em muitos casos específicos foram vítimas de abusos sexuais e outras violências e também foram combatentes, Silva (2010) descreve melhor ao dizer que;

Em tempos de guerra, as mulheres simbolizaram os motivos e foram simbolizadas ao serem realocadas pelo Estado para desenvolverem novas atividades reprodutivas, produtivas e algumas vezes até militares. As mulheres também foram as principais vítimas da guerra sendo objetos de estupro e jogo de poder entre as partes inimigas (SILVA, 2010, p. 16).

Tendo em vista esse cenário político, o país ficou devastado, precisava de passar por ações de configuração social. Daí o nosso interesse em compreender como a mulher angolana vem contribuindo no cenário de desenvolvimento e crescimento do país e entender seus respectivos desafios e perspectivas nessa caminhada.

Para o desdobramento deste tópico apresentaremos mais três subtópicos entendidos como cruciais na compreensão do que propomos no projeto para uma pesquisa futura.

## **6.1 – SER MULHER A PARTIR DA PERSPECTIVA AFRICANA**

Pretendemos observar a situação da mulher, especificamente a mulher angolana como um dos elementos fundamentais para o crescimento e desenvolvimento social, econômico, político, ou seja, num âmbito geral, nos espaços sociais. Por isso, acreditamos que não podemos falar da mulher africana associando-a diretamente ao fator de dominação masculina sem contextualizarmos o conceito de gênero na percepção africana, logo, este tópico é de grande relevância, pois apresenta autores que discutem e apresentam o conceito de gênero numa visão e percepção não ocidentalizada, mas africanizada, uma vez que, o feminismo branco tem se expandido e por sua vez se perpetuado como uma história única tal como Adichie (2009) aponta no seu texto “o perigo de uma história única”. Desse modo, reunimos autoras/es que vão discutir e trabalhar a questão de gênero na África.

Precisamos compreender que feminismo branco não representa as mulheres africanas no seu todo, porque a África é um continente de raiz matrilinear diferente do Europeu ou ocidental que é patriarcal, logo, esse seria então o nosso ponto de partida para entender a formação genealógica existente entre si. Entretanto, o conceito de gênero em África concebe à uma temática que vem sendo discutido pelos/as autores/as, Binga, (2016) vai dizer que,

a aplicação do conceito de gênero em África tem sido alvo de uma reflexão crítica que considera que, o mesmo precisa ser operacionalizado de acordo as realidades do continente, pois, quando realidades africanas são analisadas de acordo com as óticas ocidentais, observam-se aquilo que vários autores consideram tratar-se de distorções e má utilização de conceitos africanos (BINGA, 2016, p. 19).

Por outro lado, o ocidente tende a criar histórias para assim trazer a percepção de que as lutas enfrentadas por mulheres brancas ocidentais também dizem respeito às mulheres africanas, assim como Adichie (2009, p. 12) vai dizer que a história única constitui “poder” para quem à conta, e quando considerados fatores importantes que nos levam a analisar elas, como por exemplo, “como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas [...], e esse poder é a habilidade de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”, Ainda seguindo a ideia a autora, ela acredita que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2009, p.14). Daí, podemos compreender o perigo existente em caracterizar a história única mesmo havendo realidades distintas e separadas pelas suas diferenças culturais, sociais, religiosos, morais, econômicas e políticas e com isso entender como homogênea.

A autora Oyèwúmi (2000) faz uma crítica de como o feminismo branco ocidental se estrutura dentro das suas formas de atuação enquanto um movimento político e social, cujo seu objetivo principal é distorcer a ideia e a forma de atuação em que coloca o homem como superior ou responsável da mulher branca, sem esquecer a ideia acusador de que o feminismo é anti-familiar. No entanto, Oyèwúmi (2000), compreende que é por intermédio dessa visão ocidental que se tornou num modelo global de família que o feminismo se articula, foi do mesmo jeito que as lutas e causas do feminismo branco passou a ser vista como causa de toda mulher, isto é, numa concepção euro-americano que engloba até a mulher africana, tal como a autora aponta em seu texto,

sugiro que o discurso feminista está enraizado no núcleo familiar e que esta organização social constitui o próprio fundamento da teoria feminista e um veículo para a articulação de valores como a necessidade de acoplamento e da primazia da conjugalidade na vida familiar. Isto implica a difundida crença entre feministas, que um objetivo importante é subverter a instituição dominante masculina e a crença entre os detratores do feminismo que o feminismo é anti-familiar. Apesar do fato do feminismo ter se tornado global, é através do núcleo familiar Euro-Americano que muitas feministas pensam. [...] Beauvoir pode ter ignorado as diferenças entre as mulheres, porque era claro para ela que um forte argumento para a mudança política deve ser universal. [...] Beauvoir e outras teorizam como se o mundo fosse branco, de núcleo familiar e de classe média. Não é de se surpreender que a mulher que emerge do feminismo euro-americano é definida como uma esposa (OYÈWÚMI, 2000, p. 1-2).

Por outro lado, a autora vai dizer que olhar o feminismo branco e caracterizá-lo em representação de todas mulheres a nível global é de certa maneira equivocada e desconsiderar toda história e o papel importante que a mulher africana tinha antes da colonização, visto que o princípio gerador do que se entende de família transcende num viés conjugal para sanguíneo, na qual a mulher responde por um papel muito mais além do que uma esposa apenas, mas como a responsável pela construção ou melhor da existência da família, ao contrário da mulher “esposa” que a função se resume apenas no cuidado de casa e dos filhos, como frisa a autora,

[...] o princípio predominante organizador das famílias africanas tem sido consanguíneo e não conjugal: relações de sangue constituem o núcleo da família. Muitos irmãos e irmãs vivem juntos, juntamente com as esposas dos irmãos e os filhos de todos. Neste tipo de sistema familiar, o parentesco é forjado principalmente na base das relações de nascimento, não em laços matrimoniais. Normativamente, em seguida, as esposas não são consideradas membros da organização social chamada “família”. [...] Há outros arranjos familiares africanos que complicam ainda mais a questão. Por exemplo, no sistema familiar akan, em Gana, as famílias são tradicionalmente matrilineares e matrilocais (OYÈWÚMI, 2000, p. 5)

Diante disso, podemos perceber que o conceito de familiar no contexto africano é muito mais profundo e vai muito além do que o colonizador entende como família, são

concepções que nos fazem perceber as distinções entre o europeu e o africano. Essa particularidade é que torna o continente africano mais interessante quando pensamos em estudar o conceito de família na África. Assim como, para algumas sociedades africanas as famílias são tradicionalmente matrilineares, como a autora frisou acima.

No entanto, dentro dessa perspectiva tradicional africana, é importante saber que existem inúmeras e distintas manifestações de saberes tradicionais, percebe-se que cada sociedade africana tem suas formas de viver e estar, percepções e crenças diferentes das outras. E mediante a essa complexidade apraz-nos dizer que estamos diante da interculturalidade, na qual devemos ter o maior controle e cuidado ao embarcarmos no caminho da crítica daquilo que vai além da nossa percepção. Pimenta; Kajibanga (200?, p. 16) abordam com maior lucidez;

Considerar a interculturalidade como elemento que deve estar presente nos estudos africanos é, por si só, de grande relevância porque reflecte a consciência da nossa relatividade cultural, consciência que só pode ser resultado de um longo caminho crítico de reflexão, de vivência, de destruição racional e afectiva da “normalidade” que subjaz no inconsciente, de destruição de algumas das primeiras evidências mais resistente. Exige um respeito pelo Outro, nomeadamente do que tem raízes gnoseológicas e epistemológicas diferentes das nossas. Envolve uma reflexão crítica da nossa própria identidade. Lermo-nos através dos sentidos, das emoções, das perplexidades, dos saberes endógenos colectivos dos outros permite-nos uma leitura diferente de nós próprios, uma ampliação do conhecimento da nossa identidade, da nossa pertença ao mundo (PIMENTA; KAJIBANGA, [200?], p. 16).

Ou ainda quando Chiziane (2013) descreve como é ser mulher na sua etnia, onde nota-se a partir da sua fala o ponto mais alto da felicidade da mulher tsonga e ao mesmo tempo ver-se a indignação quando a criança (menina) vai crescendo, tendo que lidar com a obrigação na qualidade de pertencer à etnia. Essas obrigações segundo a autora acontecem na adolescência da menina, quando desce,

[...] a primeira menstruação é entregue a marido por vezes velho, polígamo e desdentado. À mulher não são permitidos sonhos nem desejos. A única carreira que lhe é destinada é casar e ter filhos (CHIZIANE, 2013, p. 201).

Ao olharmos para o depoimento da autora Paulina Chiziane (2013), no texto “Eu,

mulher, por uma nova visão do mundo” sobre a sua trajetória desde a sua infância até a fase adulta, as histórias contadas pela sua avó na calada da noite em volta da fogueira, as músicas ou hinos que sua mãe e outras mulheres cantavam, conciliar os ensinamentos que ela aprendia em casa e na escola cristã onde estudava, ou melhor, todo trajeto dela contribuiu, senão dizer que fez dela essa mulher que hoje é, conhecida pela intelectualidade de grande pensadora que é e na grande mulher negra e africana que inspira muitas mulheres. É interessante perceber a capacidade dela de olhar o mundo, por um lado ver à sua volta os resquícios do colonialismo e sua influência na sociedade e por outro o tradicional e ter um posicionamento diante de dois conhecimentos entendendo suas importâncias pra ela. , por exemplo quando ela fala que,

[...] Já adolescente, sonhei em tornar-me pintora. A família disse que não. A escola disse que não. A sociedade também disse que não. Porque não é bom para uma mulher. Porque pintura é arte e o artista é marginal. Eu estava a ser educada para ser uma boa mãe e esposa. Recalcaram o meu sonho e não o fizeram por mal, queriam apenas proteger-me porque se preocupavam com o meu destino (CHIZIANE, 2013, p. 202).

Ela percebe que mesmo sentindo-se incomodada pelo facto de não poder fazer aquilo que ela amava, a arte, é mais importante ouvir quando a família em particular se opôs nas suas escolhas, e essa oposição na sua maioria é uma das demonstrações de que querem o bem dos seus filhos, mesmo que isso signifique abrir mão do que amamos, esse compromisso com a família é firmado pelo respeito e honra que o saber tradicional também tem.

## **6.2 - A PARTICIPAÇÃO DA MULHER ANGOLANA NA LUTA DE LIBERTAÇÃO**

Para uma melhor compreensão e contextualização histórica daquilo que pretendemos discutir dentro da realidade e perspectiva da mulher angolana, achamos importante lembrarmos do papel da mulher nos partidos políticos e no processo da guerra contra o colono português. A participação das mulheres angolanas no processo de libertação da nação, esteve vinculada a três grupos partidários que guerrilharam contra a colônia portuguesa, tal como referimos anteriormente MPLA, UNITA e FNLA. Estes são conhecidos pelas suas forças de lutar em prol de uma Angola melhor, democrático, de igualdade e de paz, mas a disputa pela liderança do país causou inúmeros danos na sociedade em geral. Cada partido possuía uma organização voltada a mulher que contribuíram no desenvolvimento do país, assim sendo, a

OMA (Organização da Mulher Angolana) pertencia no MPLA, a LIMA (Liga Independente de Mulheres Angolanas) na UNITA e AMA (Associação das Mulheres Angolanas) do partido FNLA.

A OMA é a organização feminina mais antiga dentre as outras, ela foi criada em 1962, um ano depois do início da luta pela independência contra os portugueses. Sua importância foi crucial dentro do partido do período de guerra, como aponta Henda Ducados (2004).

A Organização da Mulher Angolana (OMA), criada em 1962 como ala feminina do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), teve uma influência crucial no apoio às forças guerrilheiras dentro e fora de Angola. Os relatórios sobre as actividades da OMA mostram que seus membros contribuíam para a produção de alimentos para o exército guerrilheiro, organizavam campanhas de alfabetização e de cuidados básicos de saúde e transportavam armamentos e alimentos a grandes distâncias. Não há estimativas do número de mulheres que participavam do exército guerrilheiro da MPLA, mas os testemunhos orais indicam uma quantidade substancial (DUCADOS, 2004).

Ducados (2004) ainda acrescenta que a OMA entendia que a participação da mulher na guerra pela independência constituía “um campo de prova em que todos os participantes eram exigidos a dar o máximo do seu esforço e desenvolver seus talentos e habilidades”. Portanto, as mulheres que faziam parte da liderança naquela altura, eram mulheres com *status* e de famílias influentes que pertenciam no grupo de liderança partidária, cujo a posição era temida e dada influência criaram campanhas e ativismo e com isso angariar mais mulheres para organização. Diferente da LIMA que foi criada em 1973 que também foi de extrema importância enquanto ala feminina na luta pela independência do país, a sua liderança era de mulheres que não tinham nenhum grau de parentesco com os líderes político do partido da UNITA, conforme Ducado (2004),

por sua vez, a Liga Independente de Mulheres Angolanas (LIMA), a ala feminina da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) foi fundada em 1973 e também desempenhou um papel importante na luta pela libertação. [...] Em contraste com a OMA, as mulheres que ocupavam posições de liderança na LIMA não tinham laços de parentesco com a liderança da UNITA, devido ao temor de represálias sobre os maridos se as mulheres fracassassem nos seus esforços.

A actividade das mulheres na UNITA durante a luta pela libertação envolvia o transporte de materiais, alimentos e armamentos para os homens na linha de combate. As cargas eram transportadas na cabeça e as distâncias eram longas. Suas actividades políticas consistiam principalmente na mobilização de pessoas e

especialmente na adesão dos jovens à luta armada. As mulheres também eram treinadas como activistas políticos. Durante a guerra civil após a independência, as mulheres continuaram em actividade em todas as frentes e a liderança da LIMA era notada em comícios políticos dentro e fora do país (DUCADOS, 2004).

Tal como vimos, ambas organizações femininas tiveram um papel pertinente para dar a Angola um novo rumo e recomeço para todos os angolanos e angolanas, de tal forma que a ideia da construção do país de ter o total domínio do território angolano das forças portuguesas era unânime para os três partidos políticos, no entanto, a inserção das mulheres dentro dos partidos foi necessário e preciso, tal como aponta Liberato (2016),

foi nesse contexto consciente de construção de uma “nova Angola” que o status das mulheres angolanas foi marcadamente alterado, ao assumirem uma variedade de funções, incluindo as de guerrilheiras e de delegadas políticas. A ideologia do movimento, e depois como partido governante, tornou-se crucial para o progresso das mulheres angolanas no período pós-colonial, ao receberem um significativo encorajamento da parte do partido para assumirem mais responsabilidades e empreenderem novas tarefas. Elas se tornaram enfermeiras (e chefes de hospitais), comissárias políticas, professoras e diretoras de escolas, jornalistas, engenheiras, militares, corpo da polícia (Stephanie URDANG, 1984 *apud* LIBERATO, 2016, p. 1000).

Existiram grandes referências de mulheres que deram muito de si para resistência no processo da escravidão, isso antes da criação das organizações femininas dos partidos políticos, no entanto, achamos pertinente fazer menção de duas guerreiras muito conhecidas pela garra, atitude, resistência e combatentes que muito fizeram pela Angola, são elas: “Nzinga Mbande e Kimpa Vita”. Mais tarde surgiram outras mulheres que deram seguimento na força de combate, nomeadamente, “Deolinda Rodrigues, Lucrecia Paim, Irene Cohen, Teresa e Engrácia” (SANTOS, 2010, p.42). A estas, a história angolana faz questão de mencionar e homenagear. Elas são as que mais recebem homenagens do partido MPLA (que governa o país desde a independência) e faz questão de lembrar como as únicas heroínas. Por exemplo, existe um hospital e maternidade com o nome de Lucrecia Paim e uma avenida Deolinda Rodrigues. Aí podemos nos questionar, como ficam as histórias de outras mulheres dos partidos LIMA e AMA? E por outra, como nos lembraremos destas mulheres se têm suas histórias invisibilizadas e pouco se fala sobre elas? No entanto, para dar resposta a esses

questionamentos, precisamos reunir documentos e partir para outra pesquisa.

O nosso propósito neste tópico é de registrar a presença da mulher enquanto sujeito ativo na história do país, partindo da sua participação dentro das lutas armadas em prol da nação. Tal como elas foram parte importante nesse processo, elas enfrentaram obstáculos no partido político em que estavam inseridas, um desses obstáculos é fato de serem mulheres, entendia-se que elas precisavam casar e posteriormente combater ou acompanhar o marido como dever, tal como aponta Parede (2010), “No maquis ou nas frentes do MPLA situadas nos países limítrofes, às combatentes solteiras eram encorajadas a casar. Acompanhar e apoiar o marido na revolução parecia ser o destino da maior parte das mulheres” (PAREDE, 2010, p.22).

E mesmo depois da proclamação da independência e da conquista da “paz” a mulher continuou sendo discriminada e isso contribuiu para muitas dificuldades, desafios na formação e desenvolvimento do país, apesar de criar estratégias e procurar se moldar dentro de cada acontecimento e da vontade de continuar progredindo, essas dificuldades causaram ao povo angolano um espírito de revolta, angústia, decepção pelas expectativas (Liberato, 2016), que se criou e depositaram no partido que governa o país. Existe uma barreira que separa as narrativas que norteiam os discursos sobre a história de Angola na luta de libertação, esse separador sobrepõe os homens como os únicos e legítimos heróis desse processo histórico, Parede (2010);

Como margem também é sentido o papel das mulheres nas lutas de libertação, dado que os sujeitos históricos destas metas narrativas são quase sempre homens, líderes históricos investidos de um discurso libertador, ficando as mulheres invisíveis como actores da história ou como sujeitos que lutaram, se interrogaram, analisaram e produziram ideias (PAREDE, 2010, p. 14-15).

Desta feita, percebe-se que há lacunas na história angolana que precisa ser preenchida, começando por relatar a verdadeira história onde tanto a mulher quanto o homem sejam vistos como protagonistas principais da luta contra a dominação portuguesa para a conquista da independência e da paz. Porém, a paz aqui mencionada, é a ausência de conflitos armados internos e não o término do sofrimento do povo, visto que o povo ainda clama por uma Angola mais inclusiva, mais patriota, mais envolvida no combate ao desemprego, com educação de qualidade, saneamento básico, melhor condição de vida da população e entre

outras melhorias que o governo pode fazer.

### **6.2.1 - Mulheres nas diferentes organizações feminina em Angola**

A mulher angolana tem se expandido em vários sectores dentro dos espaços do país, sem contar que a sua presença nas diferentes organizações se constituíram na grande forma de combater o desemprego e posteriormente contribuir no processo econômico e social do país. Para Pereira (2008), a mulher vem dando sua contribuição para o crescimento e desenvolvimento da sociedade civil do país em diferentes formas, sejam elas empresarial, administrativa, e nas organizações com viés que fomentam a inclusão da mulher no mercado de trabalho.

Como mecanismo para combater as desigualdades de gênero em várias esferas sociais não só, criou-se algumas organizações como estratégias cujo objetivo principal é lutar pela emancipação da mulher e dar visibilidade a partir dos movimentos ou organizações e levar os problemas da mulher aos órgãos superiores quando forem de fórum mais específicos. Depois das três ligas conhecidas como OMA (MPLA), LIMA (UNITA) e AMA (FNLA) que já pertenciam aos movimentos partidários, surgiram outras organizações e movimentos da sociedade civil que lutam e defendem as causas da mulher, tais como: “Secretaria de Estado para a Promoção e Desenvolvimento da Mulher (SEPMD), Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU), Conselho de Coordenação Multisectorial do Gênero (CCMG), Rede Mulher, Comité Nacional da Mulher Sindicalizada”, “Federação de Mulheres Empresárias de Angola (FMEA), Associação de Mulheres Empresárias de Luanda (ASSOMEL), Associação de Apoio à Mulher Polícia de Angola (AAMPA), Fórum de Mulheres Jornalistas para Igualdade de Gênero, Mulheres de Carreira Jurídica”, e entre outras mais, (BINGA, 2016, p. 25; DOMINGOS, 2018, p. 175).

Dentre as associações acima citadas, algumas não são de fins lucrativos, assim como a ASSOMEL, Binga (2016, p. 22) que está com mais de 21 anos de existência e mais de 110 empresárias vinculadas a associação, encontra-se localizada na província de Luanda com finalidade de se expandir a nível provincial. Seu objetivo consiste em prestar apoio de capacitações as associadas como “formações, palestras, feiras nacionais, trocas de experiências entre associadas” e criar pontes com os Bancos a fim de fornecer créditos. No entanto, podemos perceber que a Assomel é uma associação com ótimas intenções de auxiliar

a vida empresarial das mulheres, porém, enfrenta dificuldades que carecem da intervenção do Estado e de outros empresários para dar seguimento com o projeto solidário.

O avanço significativo de mulheres no empresariado nos últimos tempos tem sido cada vez mais notório o interesse de mulheres com diversidades de ideias sendo transformadas em fontes de rendimento, pensando que anteriormente era mais dominado pela classe masculina, o surgimento de empreendedoras e empresárias tem sido muito prazeroso no seio feminino porque reduz o número de desempregadas, Binga (2016) e de esposas que outrora eram totalmente dependentes de seus esposos.

Assim como por um lado existem mulheres apostando no ramo empresarial e no empreendedorismo, mudando suas vidas financeiras e sendo destacadas, também existem mulheres que se encontram nos mercados informais, ambas lutam pela sobrevivência, porém as áreas de atuação ou como exercem tais funções as diferenciam do mesmo modo as oportunidades nas suas relações sociais. Sem contar que no mercado informal existem pessoas de vários níveis econômicos, sociais e acadêmicos, pois, para muitos, lá é a primeira fonte de rendimento antes de embarcar para o empresarial.

De acordo pesquisa realizada pelo Nascimento (2014) em Luanda em 2010 o resultado das entrevistas e depoimentos efetuados, constatou-se a grande relevância na participação das mulheres atuando no mercado informal como vendedoras, visto que é através dessas mulheres que muitas famílias sobrevivem, e que a maioria das vezes se submetem a luz do dia com o sol abrasador, bacia na cabeça, algumas com filho ao colo ou amarrados sobre as costas vendendo de diversos produtos sejam eles comestíveis ou não, tudo para garantir alimento em casa. O autor ainda acrescenta dizendo que,

[...] O inchaço populacional e o conseqüente desemprego fizeram do trabalho informal, onde predomina o trabalho feminino, a principal fonte de renda de grande parte das famílias angolanas, como nos foi transmitido por vários interlocutores durante o trabalho de campo realizado em Luanda e em Benguela em 2010 (NASCIMENTO, 2014, p. 08).

Vale ressaltar que as mulheres vendedoras nos mercados informais são conhecidas pela força de guerrilheira por tudo que elas são submetidas a passar, fora o estresse diário ainda tem a questão de que estão sempre lutando pelas suas vidas, sendo perseguidas e abordadas pelos policiais que atuam como fiscais que muitas vezes usam a violência nas suas rondas vindo até a custar vidas de muitas heroínas enquanto outras têm seus produtos

destruídos e levados à força. Mediante a essa situação, à necessidade das mulheres se manifestarem junto do ministério da mulher e exigir pronunciamento e este por sua vez tomar suas medidas de intervenção e levar até as autoridades máximas, Tal como Chiziane (2013) fala que as mulheres precisam olhar pelas cargas das outras e se manifestarem,

[...] Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam. Foi assim que surgiu a minha primeira obra, Balada de amor ao Vento, tornando-me deste modo uma das poucas escritoras do meu país (CHIZIANE, 2013, p. 203).

A desigualdade existente entre a mulher e o homem ainda consiste numa questão histórica estruturada por meio de padrões que anteriormente foi estabelecido que separava o homem da mulher, desse modo, desencadeou-se na vulnerabilização do cotidiano da mulher. Algumas delas encontram-se juntamente com os seus filhos em condições lastimáveis, sem acesso a um atendimento digno de saúde, saneamento básico e água potável.

### **6.3 PAPEL DAS MULHERES NA DEMOCRACIA: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E ELEIÇÕES**

Falando de mulheres ocupando espaços que anteriormente eram barradas pela política do patriarcalismo como fruto da colonização, significa que elas têm conquistado tais espaços com lutas árduas, resistências, mostrando a sociedade que outrora à subestimava que ela tem capacidade de liderar ou gerenciar um determinado grupo, seja ele político, econômico, social, cultural e entre outras áreas. Mulheres nas esferas que eram comum ver majoritariamente homens atuando é sinônimo de avanço significativo com intuito de alavancar o crescimento do país e demarcar lugares.

A presença da mulher nos lugares de destaque sempre fez parte da história da humanidade, quando vamos pensar as rainhas de alguns reinos no continente africano antes e durante a colonização, imperatrizes e entre outras mais em destaques que a intelectual Paulina Chiziane (2013) menciona. Ainda nesta senda das grandes representações femininas no poder, a autora faz um reparo bastante pertinente que nos levaria a pensar e questionar: Qual ou como tem sido o posicionamento dessas mulheres quando estão na frente de alguma

organização ou liderança? Quando estão do outro lado da margem têm se preocupado em resolver as adversidades que outras mulheres enfrentam? Que políticas por elas são implementadas voltada para mulher? essas questões surgem quando nos desafiamos a pensar a mulher nas diversas áreas de atuação, já que constituem um problema histórico de acordo Chiziane(2013),

a história humana tem mulheres que atingiram as esferas mais altas da sociedade. Ao longo dos séculos, houve rainhas, imperatrizes, embaixadoras, ministras. A maior parte dessas mulheres revelaram-se mais preparadas para a ganância e para a vaidade. [...] A rainha Cleópatra fornece-nos um bom exemplo. [...] Preocupou-se muito com os seus vestidos, com as suas pérolas, com a ponta do seu nariz e com a beleza que muito enlouqueceu os generais romanos. Da condição social das mulheres do seu povo, Cleópatra não se lembrou nunca. Em conclusão poderei dizer que são muito poucas as mulheres que, estando no poder, se preocupam com os problemas de outras mulheres (CHIZIANE, 2013, p. 200).

Desse modo, percebemos que mais do que houver tais ocupações, é necessário que elas alavanquem com outras mulheres que não estão em mesmo patamar, isto é, haver uma representatividade a partir das mulheres que exercem cargos em destaques onde os problemas da mulher rural ou urbana sejam discutido através de políticas públicas que visam dar vozes a maioria.

De acordo Domingos (2018, p. 172), até pelo menos a penúltima eleição do primeiro mandato do atual presidente, encontrava-se na legislatura cerca de “220 deputados”, no qual “60 eram mulheres”, entre os “30 ministros, 11” eram “mulheres e dos 18 governadores provinciais, apenas uma mulher” era governadora. Portanto, o autor ainda acrescenta que essa disparidade entre homens e mulheres no “poder político, econômico, cultural” e entre outros é bastante preocupante, pensando que as mulheres representam a maior percentagem em termos demográficos em comparação aos homens, podendo a ser considerado como “grande desafio” para as mulheres chegarem a ocupar pelo menos a metade dos homens.

Quanto ao grande desafio que a mulher enfrentaria, em uma primeira instância seria a dúvida pela sua capacidade, ou seja, o conceito de fragilidade impregnado na mulher faz com que ela seja considerada incapaz através da incredulidade da sociedade. Acreditando que a mulher ainda não se encontra preparada para exercer determinadas funções ou até há quem diga que ela não foi feita para fazer tal coisa, a superstição constitui uma barreira nos

vários espaços, e de maneira constante as mulheres se vêem na obrigação de provar o contrário do que se fala sobre ela. Um depoimento feito na primeira pessoa que explicaria exatamente o que pretendemos aqui tratar é da Paulina Chiziane (2013), quando explica como a sociedade recebeu a ideia de que ela escrevera um livro,

como é que a sociedade recebeu a notícia de que eu estava a escrever o meu livro? Primeiro com cepticismo e muito desprezo da parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Consideraram-me uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão. Foi um momento terrível para mim. Mas, por outro lado, estas atitudes tiveram um efeito positivo porque forçaram-me a demonstrar pela prática que as mulheres podem escrever e escrever bem. Devo confessar que nas condições da actual sociedade, se a mulher pretende um reconhecimento igual ao do seu parceiro masculino deve trabalhar duas ou três vezes mais. [...] Contudo, quase todos eles não se esqueceram de fazer-me propostas sexuais, convites de jantar, como condição necessária para a ajuda de que tanto necessitava. Mais tarde entrei na Associação dos Escritores. Mesmo ali a minha integração como mulher não se fez sem grandes esforços (CHIZIANE, 2013, p. 203).

Todavia, entendemos que ainda há uma caminhada longa a ser percorrida pela classe feminina, desde as problemáticas que podemos caracterizar aqui como internas e externas. Consideramos problemas internos aqueles pertencentes no seio das mulheres tal como apresentamos no parágrafo anterior e externos aqueles provenientes da sociedade e do Estado em si na qual estas mulheres fazem parte.

Segundo Pereira (2008) o Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU) foi designado em 1997 o ano que foi aprovado pela Assembleia Legislativa, de acordo o seu estatuto o presente órgão se encarregar de definir e executar a política nacional para a defesa e garantia dos direitos da mulher inserida na família e na sociedade em geral, e a sua área de atuação encontra-se vinculada “com as questões da família, violência e da saúde da mulher (SIDA, nutrição, cuidados maternos, etc.). Nestas áreas de actuação, o MINFAMU conta com o auxílio da comunidade internacional” (PEREIRA, 2008, p. 07). A autora ainda acrescenta que dentre os demais ministérios, o MINFAMU não faz parte das prioridades do governo, comparando aos outros ministérios este é o que possui menor orçamento em 2008 com apenas 0,01% projetado.

É importante dizer que, apesar da grande contribuição da mulher angolana no sustento da família, ainda há dificuldades que elas percorrem pela “ausência de voz na esfera pública e uma dificuldade em se romper com os limites impostos pelas instituições ao papel da mulher na sociedade” (NASCIMENTO, 2014, p. 13). Desse modo, o acesso da mulher à educação significa um grande avanço no processo de demarcação de muitos espaços, como cita Dias (2013),

[...] a educação “formal” representa ainda a possibilidade de ascensão no mercado de trabalho e de, conseqüentemente, obter melhores rendimentos, bem como a oportunidade de habilitá-las a ocupar cargos públicos e políticos. A busca por essa educação por parte das mulheres é também uma busca pela capacitação profissional (DIAS, 2013, p. 96).

Desta feita, o Estado precisa criar mais políticas públicas que combatam as desigualdades vigentes no país entre mulheres e homens, e conseqüentemente dentro dos “partidos políticos” para adesão de “mulheres na política”, pois acredita-se não ser um percurso fácil, porém olhando pela vontade e o empenho de mulheres lutando pela inclusão será possível haver ascensão (SILVA, 2010, p. 33). Mais do que a elaboração de novas políticas públicas, é necessário que o Estado cumpra as que já existem.

## **7 - METODOLOGIA**

Para Fonseca (2002) a pesquisa consiste na atividade central da ciência, pois ela permite uma aproximação e percepção daquilo que se pretende saber, é por meio dela que o investigador se movimenta a busca do que se propõe a apresentar a partir da própria realidade. Ela também pode ser entendida como um processo sem o fim desejado. Outrossim, “a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos” (FONSECA, 2002, p. 20). Ainda acrescenta Gil (2008, p.26) ao definir a “pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Diante disso, nesta sessão de metodologia, mostraremos os meios pelo qual iremos percorrer até chegarmos naquilo pretendemos nessa pesquisa que consiste em encontrar respostas dos questionamentos que nos levaram a embarcar no campo da pesquisa para percebermos como

as mulheres têm contribuído no processo de desenvolvimento do país, quais desafios e perspectivas das mulheres em Angola-Luanda.

Desta feita, para a realização do projeto de pesquisa será desenvolvida através do método da pesquisa qualitativa que segundo Creswell (2007, p. 184) “os procedimentos qualitativos” são aqueles “baseados em dados de texto e através daquilo que o pesquisador observa como imagens, têm passos únicos na análise de dados e usam diversas estratégias de investigação.” A seguir, Creswell (2007, p. 186-187) ainda apresenta características que a pesquisa qualitativa oferece para elaboração da pesquisa que pretendemos utilizar na construção do nosso trabalho, para isso, apresentaremos alguns métodos, tais como: 1- dentro da pesquisa qualitativa o pesquisador precisa estar presente no local onde ele pretende realizar sua pesquisa para ter interação e um acompanhamento direto com o campo de atuação; 2- o pesquisador precisa estar engajado de métodos “humanísticos” que facilitam na colaboração dos participantes para ajudar na “coleta de dados”; 3- no campo da pesquisa qualitativa “as questões” elaboradas para a condução das entrevistas podem ser alteradas “à medida em que o pesquisador” estiver no campo pois ele influencia no tipo de resposta que poderá receber, sejam para facilitar ou não. Acreditamos que, seguindo esses passos e dentre outros que nos facilitam na coleta de dados, precisaremos nos envolver e criar interação com o grupo de pessoas específicas para entrevistas a fim de prestarmos um ótimo trabalho.

Para coleta de dados recorreremos à pesquisa de caráter exploratório, com levantamento bibliográfico e documental, através dos artigos científicos, teses, dissertações, livros, jornais e entre outros documentos que forneçam embasamento e arcabouço ao que tencionamos pesquisar, uma vez que (Gil, 2002, p. 44) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Em suma, usaremos entrevistas que serão semi estruturadas para deixar os entrevistados à vontade para se expressarem sem necessariamente seguir um roteiro pré-elaborado. Para isso, pensaremos na proposta de nos locomover até Angola-Luanda para um estudo de campo e maior interação e comunicação com as mulheres que constitui no nosso público alvo, de diferentes áreas de atuação dentro do país especificamente, na capital.

## **8- REFERÊNCIAS**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu.

São Paulo: I<sup>a</sup> ed. Companhia das letras, 2019.

BATSÍKAMA, Patrício. **A mulher na luta de libertação e na construção do Estado-Nação em Angola: o caso de Luzia Inglês Van-Dúnem.** [S. l]. Ed. 25. Revista Cantareira, 2016.

BINGA, Maria Carolina Quilombo. **Mulheres empresárias, gênero e desenvolvimento em Luanda. U Lisboa,** 2016. Disponível em:  
<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/12480>, Acessado em 18 nov. 2022.

CHIZIANE, Paulina. **[Testemunho] Eu, mulher. Por uma nova visão do mundo.** Abril, 2013. NEPA/UFF, 5(10), p. 199-205. Disponível em:  
<https://doi.org/10.22409/abriluff.v5i10.29695>, Acessado em 18 maio. 2022.

CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. *In: Procedimentos qualitativos.* Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.: il. ;23cm. ISBN 978-85-363-0892-0.

DIAS, Helenice Moreira. **Vozes e escritas femininas em Angola: a luta pela sobrevivência e emancipação de mulheres (1961 - 2002).** PUC-SP. São Paulo, 2013.

DOMINGOS, Willi Cardoso. **Vozes de mulheres: gênero e cidadania em Angola.** [S. l]. Revista Espacialidades v. 13, n. 1. ISSN 1984-817X, 2018. p. 158 - 181.

DUCADOS, Henda. A mulher angolana após o final do conflito, 2004. **Africanidades – Angola.** 22 out. 2008. Disponível em:  
<http://cef03gama5a.blogspot.com/2008/10/mulher-angolana-aps-o-final-do-conflito.htm> 1, Acessado em 08 jul. 2022.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. *In: A natureza da pesquisa científica.* UECE - Ceará, 2002. p. 20.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. *In: Como classificar as pesquisas? Que é pesquisa bibliográfica?* - 4<sup>a</sup> ed. - São Paulo. Editora ATLAS S.A, 2002 Bibliografia. ISBN 85-224-3169-8 1. Pesquisa 2. Pesquisa-Metodologia I. Título 91-1515 CDD-001.4 -001.42.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** *In: Pesquisa Social.* 6<sup>a</sup> ed. São Paulo. Editora ATLAS S.A, 2008 ISBN 978-85-224-5142-5 1. Ciências sociais - Metodologia 2. Ciências sociais - Pesquisas 3. Pesquisa - Metodologia I. Título. 93-3004 CDD-300.72.

INE: Instituto Nacional de Estatística. **Anuário de Estatísticas Sociais.** Departamento de Estatísticas Demográficas e Sociais. Luanda, Angola – 2013 Rua Ho-Chi-Min Caixa Postal nº 1215 Luanda – Angola. Disponível em: [www.ine.gov.ao](http://www.ine.gov.ao), Acessado em 19 nov 2022.

LIBERATO, Ermelinda. **40 anos de independência.** Uma reflexão em torno da condição da mulher angolana. Rev. Estudos Feministas 24(03), maio 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p997>, Acessado em 20 jun. 2022.

NASCIMENTO, Allan. **Obstáculos aos direitos humanos das mulheres deslocadas internamente: o caso angolano.** Revista Angolana de Sociologia [Online], 13 | 2014, postonline no dia 04 junho 2016, consultado no dia 03 maio 2019. DOI : 10.4000/ras.981. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/981>, Acessado em 11 jul. 2022.

OLIVEIRA, Anderson Ribeiro. **Uma história esquecida. A abordagem da África antiga nos manuais escolares de História: estudos de caso no Brasil, e em Portugal (1990 - 2005).** Em Tempo de Histórias - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB, n.12, Brasília, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/download/20063/18462/34620>, Acessado em 12 mar. 2022.

OYÈWÚMI, Oyèronké. **Family bonds/Conceptual Binds:** African notes on Feminist Epistemologies. Signs, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium (Summer, 2000), pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha.

PAREDES, Margarida. **Deolinda Rodrigues, da Família Metodista à Família MPLA, o Papel da Cultura na Política.** [S. l]. Cadernos de Estudos Africanos, 2010. p. 11 - 26.

PEREIRA, Aline Afonso. **Contributo das angolanas para a construção de um espaço público de discussão em Angola:** A força das organizações de mulheres. ISCTE, Universidade de Lisboa. CODESRIA, 2008. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/6550>, Acessado em 18 mar. 2022.

PIMENTA, Carlos; KAJIMBANGA, Victor. **Epistemologia dos estudos africanos.** [S. l], [s. n], [200?], p. 1 - 20.

SANTOS, Virgínia Inácio dos. **A situação da mulher angolana. Uma análise crítica feminista pós-guerra.** São Paulo. Vol. 16, n. 16. Mandragora, 2010.

SILVA, Anna Karolina Lima Siqueira da. **Mulher e política: uma equação imperfeita?.** Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/9745>, Acessado em 12 out. 2022.

ZAU, Filipe. **Angola: trilhos para o desenvolvimento.** UNIVERSIDADE ABERTA — 2002 Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147 1269-001 Lisboa – Portugal [www.univ-ab.pt](http://www.univ-ab.pt) TEMAS EDUCACIONAIS; N. o 19 ISBN: 978-972-674-564-8.